

## **O MODO SUBJUNTIVO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS: CONSIDERAÇÕES SOBRE MODO E MODALIDADE**

Mario Marcio Godoy Ribas (UEMS)  
[marcoribas@uems.br](mailto:marcoribas@uems.br)

### **RESUMO**

As definições sobre modo e modalidade são controversas; logo, nesta pesquisa, buscou-se diferenciar esses conceitos e verificar como atuam na língua portuguesa e na língua inglesa. Após o detalhamento das possíveis definições, que incluem autores como Pereira (1974), Bybee (1985) e Downing & Locke (2006), foi feita uma análise gerativa, a partir do programa minimalista, de como o modo e modalidade ocorrem nas duas línguas referentes a este trabalho. Os resultados mostraram que a língua portuguesa sofre grande influência do modo, enquanto a modalidade está mais presente no inglês, influenciados pelos verbos auxiliares, que são, em português, substituídos pelos desinências modo-temporais.

**Palavras-chave:** Subjuntivo. Modo. Modalidade. Gerativismo.

### **1. *Modo e modalidade***

Ainda que seja mais difundida que modalidade, a definição de modo não é consensual. Aqui adotamos a definição de Bybee (1985, p. 166), a qual diz que o modo verbal é uma categoria que possui desinências com as quais o falante escolhe como deseja se expressar. Em apenas algumas línguas, as indicações modais como obrigação, habilidade, permissão, possibilidade ou intenção estão presentes dentro de uma desinência verbal.

Já para modalidade, erroneamente se assume que é a gramaticalização das atitudes e opiniões dos falantes, porém Bybee et al. (1994, p. 181) informa que uma definição sucinta sobre modalidade é praticamente impossível. Apesar de não tentar definir o conceito, o autor sugere que a modalidade está conectada às palavras que trazem carga semântica de obrigação, probabilidade ou possibilidade, por exemplo. Logo, não se limita a desinências ou categorias específicas de palavras, mas sim a um domínio conceitual que engloba vários tipos de expressão.

Já Pereira (1974) considera quais são as marcas da modalidade:

- (i) o grau de realização de ligação entre o sujeito e o predicado (a verdade, a possibilidade, a dúvida, a negação); (ii) o grau de responsabilidade do locutor em relação à afirmação ou negação dessa ligação; (iii) a natureza da ligação (relação de causa e efeito ou de necessidade) ou das condições satisfeitas para

que a ligação se tenha realizado ou se realize; (iv) a natureza do envolvimento subjetivo (emocional ou avaliativo) do locutor em relação a essa ligação. (PEREIRA, 1974, *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 32).

Pelo fato de a modalidade envolver questões sintáticas como a relação entre sujeito e predicado, conforme acima, ocorrências de traços- $\phi$  (traços- $\phi$ ) e sequência temporal, por exemplo, como também envolver questões semânticas, entendemos modalidade como Palmer (2001, *apud* HOYE, 2005, p. 1300), que afirma ser ela uma categoria gramatical que cruza as barreiras linguísticas. Dessa maneira, focamos neste trabalho nos aspectos sintáticos, entretanto, como a modalidade trespassa fronteiras, algumas vezes se fará necessário abordar dados relacionados à semântica.

Por mais que a definição de modalidade ainda não seja consenso mesmo dentro das várias correntes linguísticas, é possível perceber que a ideia geral de modalidade não muda, e esse conceito, junto com o de modo, é importante para se compreender melhor as questões que envolvem o subjuntivo.

### **1.1. O subjuntivo em português**

Há uma gama de situações nas quais o subjuntivo ocorre, porém não é objetivo deste trabalho fazer a descrição de todas essas situações e, em nenhum momento, oferecer normas de uso. Portanto, os exemplos são baseados nas estruturas mais recorrentes e a gramaticalidade ou agramaticalidade das frases é definida através do julgamento daquilo que se aproxima de um falante-ouvinte ideal.

Um dos usos mais frequentes é o do subjuntivo em orações subordinadas. Também há casos em orações chamadas “independentes”, sobre as quais discutiremos mais à frente.

Dentre os vários usos do subjuntivo, um dos casos mais usuais é em orações subordinadas substantivas. O uso nestas condições comumente exige um verbo volitivo ou que indica incerteza.

Logo, na frase (1a), a carga semântica que expressa vontade exige que o verbo venha no subjuntivo<sup>177</sup>, entretanto determinados falantes não

---

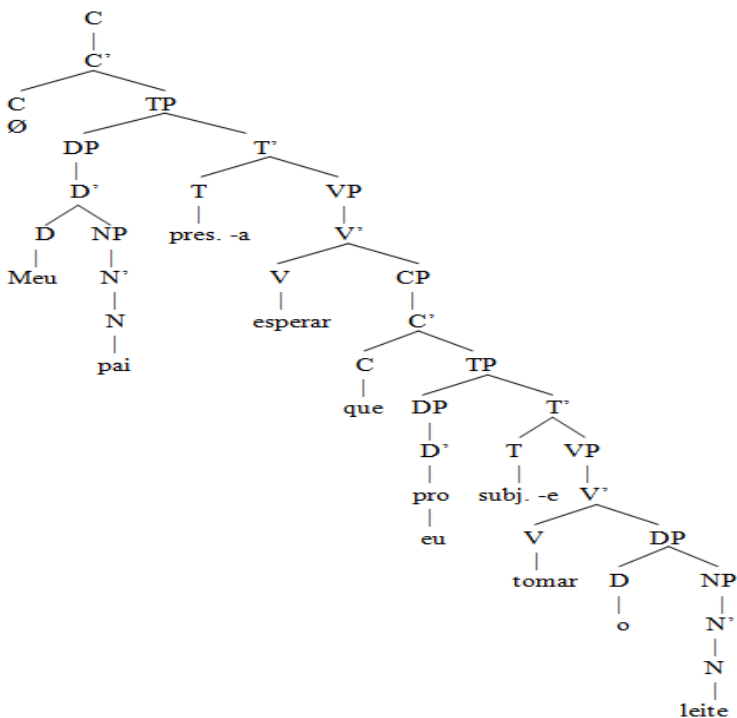
<sup>177</sup> Essa necessidade de o tempo da oração encaixada depender do tempo da oração principal é conhecida como sequência de tempos (*sequence of tenses*, em inglês, ou *consecutio temporum*, em latim).

percebem a frase (1b), em que se usa o indicativo, como agramatical.

(1) a. Meu pai espera que eu tome o leite.

b. ?Meu pai espera que eu tomo o leite.

Na representação arbórea da frase (1a), é possível verificar que o comportamento do subjuntivo não diverge do indicativo, ou seja, não exige movimentos, contudo a presença da desinência, na *head* T (-e) da oração subordinada, diferencia os tempos verbais, criando explicitamente o tempo presente do modo subjuntivo.



É importante notar que os conceitos de modo *realis/irrealis*<sup>178</sup> (relacionados com os modos verbais) nem sempre interferirão no uso do subjuntivo, já que manifestações de desejo, como a da frase (1b), caracte-

<sup>178</sup> Não entraremos em detalhes sobre os conceitos de *realis* e *irrealis*, pois existem trabalhos consistentes sobre esses assuntos. Para mais informações, cf. Bybee (1994) e Nordström (2010).

rizam-se como *irrealis* e trazem o verbo no modo indicativo. Contudo é possível verificar que, em alguns casos, a diferenciação entre esses dois modos será necessária para o uso do subjuntivo ou não, como nos exemplos (2a) e (2b).

(2) a. Se ele esteve aqui, eu não o vi. (realidade)

b. Se ele estivesse aqui, eu não o veria. (conjectura)

O uso do subjuntivo também poderá ocorrer em orações consideradas independentes à primeira análise. Nesses casos, a marca de modalidade estará presente nos verbos, bem como na palavra indicadora de incerteza ou desejo, como *talvez*, *tomara* ou *pudera*.

(3) a. Talvez ele compre mais açúcar mascavo à tarde.

Na frase (3a), a desinência *-e* presente na forma verbal é a marca do modo subjuntivo, considerando-se a 3ª pessoa do singular do presente e também o verbo de 1ª conjugação. Entretanto a modalidade *possibilidade* não é unicamente representada pela marca *-e*. A expressão *talvez* está também fortemente relacionada ao modo subjuntivo. Ao se retirar, esta expressão a frase se torna agramatical.

(3) b. \*Ele compre mais açúcar mascavo à tarde.

Portanto, nos exemplos, o uso do subjuntivo, por mais que tenha uma marca específica que indique possibilidade, ainda exige outro elemento para complementar a modalidade. No entanto, ao usar a expressão *talvez*, não há a obrigatoriedade de se usar o modo subjuntivo, pois a própria expressão possui forte carga semântica relacionada à possibilidade, conforme abaixo.

(3) c. Talvez ele vai comprar mais açúcar mascavo à tarde.<sup>179</sup>

Porém a alteração por outra palavra modalizadora que tenha carga semântica similar deverá ser analisada individualmente, já que as estruturas são diferenciadas.

(4) a. Tomara que ele compre mais açúcar mascavo à tarde.

b. Tomara que ele compra mais açúcar mascavo à tarde.

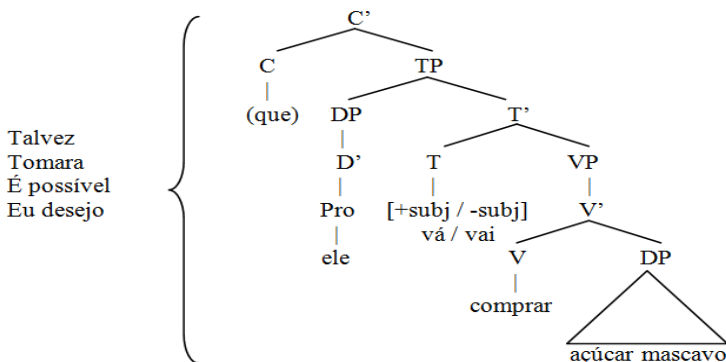
(5) a. Pudera (que) ele compre mais açúcar mascavo à tarde.

b. ?Pudera (que) ele compra mais açúcar mascavo à tarde.

---

<sup>179</sup> Apesar de os gramáticos normativos não aceitarem esse uso, a utilização do indicativo em vez do subjuntivo é muito difundida no português do Brasil. (Cf. GONÇALVES, 2003 e RIBAS, 2013).

Nos casos (4) e (5), por mais que não haja outro verbo, é possível entender que tais palavras trazem implicitamente expressões que se relacionam diretamente a um sintagma verbal implícito como *É possível (que)* ou *Eu desejo (que)*. Assim a frase (3c) ao ser analisada, terá a mesma estrutura, inclusive na aceitação de [+subj] ou [-subj] para o verbo da subordinada.



Uma possível explicação para esse fato diz respeito à etimologia de tais palavras, conforme Azevedo (1976, p. 45). Bueno (1967, *apud* AZEVEDO, 1976, p. 45) informa que *tomara* vem do verbo *tomar* que, em uma de suas acepções, significava *desejar*; *querer, com instâncias*. Contudo a relação verbo-significado atual da palavra *talvez* é considerada obscura, já que não foi encontrada nenhuma fonte que a relacione a um sintagma verbal de maneira direta.

Assim, ao considerar as frases acima, é possível concluir que, ao menos, *tomara* é uma expressão invariável oriunda de ao menos um elemento verbal, o que corrobora a hipótese de essas expressões serem consideradas como oração principal, pois trazem um verbo implícito em sua estrutura.

## 1.2. O subjuntivo inglês

Quando Downing & Locke (2006) consideram que o modo na língua inglesa está mais relacionado ao tipo das orações que ao modo, uma das razões é o fato de, nessa língua, praticamente não haver marcação desinencial nos tempos verbais, inclusive no subjuntivo, fazendo

com que as ideias representadas pelas modalidades sejam demonstradas por expressões, como na frase abaixo que é uma tradução da frase (3a).

**(6) Maybe he will buy more brown sugar in the afternoon.**

A forma verbal utilizada, *will buy*, está no *simple future* no modo indicativo, portanto a marcação de possibilidade vem totalmente da palavra *maybe*.

Enquanto a retirada do equivalente da palavra *maybe* em português torna a frase agramatical; no inglês, haverá uma mudança semântica.

Logo, nota-se que, em português em alguns casos, são necessárias duas marcações para que a indicação de certa modalidade (*possibilidade*, no caso citado) aconteça. Essas indicações podem ser uma expressão como *talvez* mais a desinência verbal indicadora de subjuntivo. Note-se que a expressão pode ser uma palavra ou mesmo o verbo da frase principal. Porém, no inglês, somente em alguns casos ocorrerá uma marcação clara por desinência ou alteração da forma verbal. Muitas vezes, como visto, em português, a expressão que tem a carga semântica modalizadora contém implicitamente um elemento verbal.

O mesmo pode acontecer no inglês, já que a etimologia de algumas palavras está relacionada diretamente a um verbo, como é o caso de *maybe*<sup>180</sup>, que foi originado a partir da junção de *may* mais *be*<sup>181</sup>.

Outra palavra que indica possibilidade é *perhaps*<sup>182</sup>, formada pela junção da preposição latina *per* mais *hap* (*chance*); assim, podendo ser relacionada com expressões como *There is a chance (that)*...

Em ambos os casos, o verbo que vem logo depois da expressão não é [+subj], mas simplesmente o indicativo. Como o indicativo é usado na grande maioria dos casos, a semelhança entre o presente do indicativo (marcado com *-s* apenas na 3ª pessoa do singular) e infinitivo para o presente do subjuntivo em inglês faz com que aqueles que falam a língua inglesa como segunda língua, bem como os falantes nativos não utilizem o subjuntivo em muitas situações nas quais poderia ser utilizado.

---

<sup>180</sup> *talvez*, em português

<sup>181</sup> *poder* mais *ser*, em português

<sup>182</sup> *talvez*, em português

Tal semelhança também acarreta dificuldades para os falantes do inglês ao aprenderem o português como língua estrangeira. A semelhança dos tempos/modos citada inibe o uso do subjuntivo em português para esses falantes.

A tradução da frase (1a) resulta em (7).

**(7) My dad expects me to drink milk.**

A forma verbal nesse caso está no infinitivo, não no subjuntivo como em português, ou seja, não apresenta desinências modo-temporal ou número-pessoal.

Também o subjuntivo do português pode resultar em indicativo no inglês, com formas verbais muito semelhantes às do subjuntivo, como demonstrado na próxima estrutura arbórea.

**(8) a. I hope they get the job.**

Da mesma maneira, não há desinências para a forma verbal acima, entretanto, ao se utilizar a 3ª pessoa do singular, adiciona-se a desinência número-pessoal *-s*.

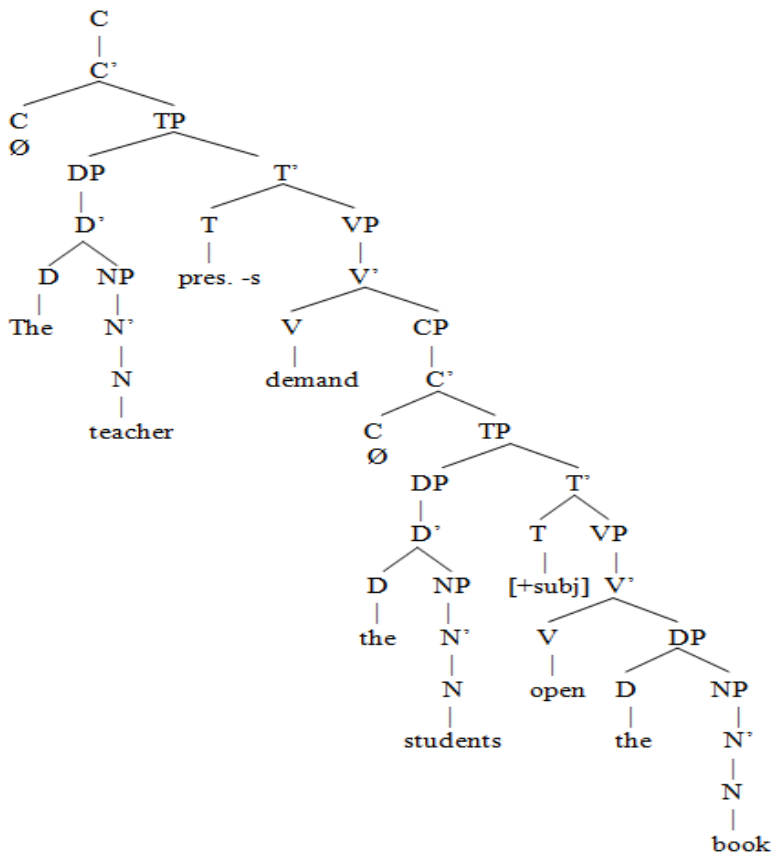
**(8) b. I hope she gets the job.**

Em alguns casos, o subjuntivo acontece como em português, principalmente no uso de verbos como *suggest*, *demand*, *recommend* e *propose* na oração principal.

**(9) a. The teacher demands the students open the book.**

**b. The teacher demands the student open the book.**

Em (9a), a forma verbal é idêntica ao *simple present*, e, em (9b), é idêntica ao infinitivo sem *to*, porém a forma verbal está no subjuntivo e não possui quaisquer desinências em nenhuma das pessoas.



Percebe-se que, nessa representação arbórea, existe a indicação [+subj], que não traz desinências, portanto não haverá alterações no verbo em V. Contudo, devido às semelhanças na forma fonética, os falantes utilizam o indicativo pelo subjuntivo criando frases como (9c).

(9) c. ?The teacher demands the student opens the book.

O símbolo “?” poderia até mesmo ser retirado, já que a utilização do indicativo pelo subjuntivo depois de verbos como “to demand” é muito utilizada e aceita pelos falantes. Esses tipos de ocorrências levaram Downing & Locke (2006, p. 196) a afirmarem que, na língua inglesa, o uso do subjuntivo perdeu espaço, principalmente nos casos que expressam fatos *irrealis*. Seu uso permanece, contudo, em expressões fixas co-



mo as que seguem:

(10) **Long live the Queen.**<sup>183</sup>

(11) **Far be it from me to doubt your word**<sup>184</sup>.

Uma possibilidade para a diminuição de uso é o elemento fonético nulo na *head* T que é idêntico às formas verbais do presente (com exceção da 3ª pessoa do singular). Nesse ponto, é importante notar que mesmo sendo as formas fonéticas idênticas, as formas lógicas são diferentes.<sup>185</sup>

Todavia permanece o uso em situações formais. Nas situações menos formais, o subjuntivo, principalmente no Reino Unido, é substituído pelo indicativo ou ainda por *should* + infinitivo.

Assim, as frases abaixo são apenas variantes da mesma estrutura profunda.

(12)a. **Mark suggests (that) she go to a school where Portuguese is taught.**

**b. Mark suggests (that) she should go to a school where Portuguese is taught.**

**c. ?Mark suggests (that) she goes to a school where Portuguese is taught.**<sup>186</sup>

---

<sup>183</sup> Long live the Queen!

Longa viva a Rainha!

“Que a Rainha viva muito!”

<sup>184</sup> Far be it from me to doubt your word.

Longe seja isso de mim duvidar sua palavra.

“Longe de mim duvidar da sua palavra”

<sup>185</sup> Bechara (2001) informa que o modo subjuntivo é usado para se expressar ordem, todavia apenas as formas fonéticas são as mesmas, pois a carga semântica da modalidade do verbo em frases como *Venha logo!* e *Espero que ele venha logo* são completamente diferentes. Note que a primeira indica ordem e a segunda tem na forma verbal carga semântica de modalidade vazia, pois a modalidade de desejo é expressa pelo verbo *esperar*.

<sup>186</sup> (12) a. Mark suggests (that) she go to a school where Portuguese is taught.

Mark sugere (que) ela vá à uma escola onde português é ensinado.

b. Mark suggests (that) she should go to a school where Portuguese is taught.

Mark sugere (que) ela deveria ir a uma escola onde português é ensinado.

Até este ponto, a análise foi feita apenas se considerando o presente do subjuntivo, contudo não há grande variação para o passado do subjuntivo, que se diferencia do passado do indicativo apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do verbo *to be*. Dessa forma, as formas verbais, tanto regulares como irregulares do passado do indicativo e do subjuntivo, são idênticas nas suas formas fonéticas.

(13) **If I were a superhero, I would be Spiderman.**

(14) **If I had a million dollars, I would buy a Ferrari.**<sup>187</sup>

Note que ambas as frases estão no passado, porém a forma verbal se distingue apenas em (13), já que, em (14), a forma é idêntica ao passado simples. Logo, o falante encara novamente mais um problema durante o uso do subjuntivo em inglês devido à semelhança das formas verbais.

## 2. Conclusões

Conforme Downing & Locke (2006, p. 181), a maior diferença entre as duas línguas recai no fato de o inglês ter suas frases fortemente fundadas no tipo da sentença e elementos modais ou auxiliares, enquanto, no português, podemos afirmar que o modo ainda é relevante na estrutura da frase. Ainda não há dados suficientes para se afirmar que o uso do subjuntivo tem sido reduzido em português com o decorrer do tempo. Há divergências entre pesquisas<sup>188</sup> e não há dados orais antigos para serem analisados. Por ora, é preciso coletar dados e fazer análises.

No entanto, o mesmo não se pode dizer da língua inglesa, na qual o uso do subjuntivo está praticamente extinto e se mantém apenas em usos esporádicos e formais.

À primeira análise, também podemos concluir que as formas fo-

---

c. ?Mark suggests (that) she goes to a school where Portuguese is taught.

Mark sugere (que) ela vai à uma escola onde português é ensinado.

<sup>187</sup> (13) If I were a superhero, I would be Spiderman.

Se eu fosse um super-herói, eu seria o Homem-Aranha.

(14) If I had a million dollars, I would buy a Ferrari.

Se eu tivesse um milhão de dólares, eu compraria uma Ferrari.

<sup>188</sup> Cf. Vieira (2007) e Ribas (2012)

néticas – desconsiderando por motivos óbvios as diferenças de léxico – de frases que tenham como origem a mesma estrutura profunda em português ou inglês serão muito diferentes uma das outras. As diferenças ocorrerão no momento em que o inglês excluir o subjuntivo para incluir, em certos casos, o modal *should*. Também o inglês difere, pois exige o uso de [+ind] quando é antecedido por uma palavra modalizadora. Outro ponto é a relação entre *irrealis* e subjuntivo. Em português, a modalidade *irrealis* pressupõe, em muitos casos, o uso do subjuntivo, já, em inglês, o uso cria frases agramaticais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, M. M. *O subjuntivo em português: um estudo transformacional*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BYBEE, J. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

\_\_\_\_\_; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: Tense, aspect and Modality in the Languages of the world*. Chicago: Chicago Press, 1994.

DOWNING, A.; LOCKE, P. *English Grammar: a University Course*. 2. ed. Oxon: Routledge, 2006.

GONÇALVES, J. R. *Considerações sobre a flutuação no emprego dos subjuntivo em contextos orais do português do Brasil*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

HOYE, L. F. “You may think that; I couldn’t possibly comment!” Modality studies: Contemporary research and future directions. Part I. *Journal of Pragmatics*, 37. Elsevier, 2005, p. 1295-1321.

NORDSTRÖM, J. *Modality and Subordinators*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

OLIVEIRA, M. C. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

RIBAS, M. M. G. *O subjuntivo em português e inglês: uma abordagem gerativa*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Esta-

dual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Disponível em:  
<[http://www.uems.br/pgletras/arquivos/2\\_2014-09-01\\_19-52-24.pdf](http://www.uems.br/pgletras/arquivos/2_2014-09-01_19-52-24.pdf)>.  
Acesso em: 10-10-2014.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem sociolinguística do modo subjuntivo na cidade de Campo Grande – MS. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, CiFEFiL, 2013, ano 19, n. 55 – Sup. Disponível em:  
<<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/054.pdf>>. Acesso em: 10-07-2014.